

# A ANÁLISE DA NARRATIVA COMO INSTRUMENTO PARA PESQUISAS QUALITATIVAS

<sup>1</sup> Larissa Soares Nunes

larissa\_nunes01@hotmail.com

<sup>1</sup> Luciane de Paula

<sup>1</sup> Thiago Bertolassi

<sup>1,2</sup> Antonio Faria Neto

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá

<sup>2</sup> Universidade de Taubaté (UNITAU), Programa de Mestrado Profissional em Engenharia Mecânica

## RESUMO

Este estudo investiga o método Análise da Narrativa utilizado em pesquisas qualitativas e tem a proposta de ser um roteiro para pesquisadores de diferentes áreas que necessitam interpretar dados por meio de narrativas. Esse método apresenta como técnica para coleta de dados qualitativos, a entrevista narrativa e o modelo canônico de narrativas, como sendo um critério para identificação formal de narrativas proposto por Labov. O estudo apresentado neste artigo foi realizado por Bastos e Biar em 2015 que utilizou como técnica para coleta de dados as entrevistas narrativas aplicadas em Conselheiros Tutelares do Rio de Janeiro, tendo como estudo de caso a "Violência e deficiência em narrativas do Conselho Tutelar". O tema abordado por Bastos e Biar (2015) permitiu por meio da Análise das Narrativas dos Conselheiros Tutelares Tina, Carlos e Clara, o entendimento de cada um sobre deficiência, suas percepções e perspectivas do trabalho que realizam.

**Palavras-chave:** Análise da Narrativa; Análise qualitativa; Perspectiva laboviana.

## ABSTRACT

This study investigates the analytical method used in qualitative research and has a proposal of a script for researchers from different areas who need to interpret data through narratives. This method presents as a technique for collecting qualitative data the narrative interview and the canonical model of narratives, as a criterion for formal identification of narratives proposed by Labov. The study presented in this article was carried out by Bastos and Biar in 2015, which uses as a technique for data collection the narrative interviews applied in the Tutelary Councilors of Rio de Janeiro, having as a case study the "Violence and deficiency in narratives of the Guardianship Council". The topic addressed by Bastos and Biar (2015) allowed, through the Narrative Analysis of the Tutelary Counselors Tina, Carlos and Clara, the understanding of each one about disability, their perceptions and perspectives of the work they perform.

**Keywords:** Narrative analysis; Qualitative analysis; Labovian perspective.

## 1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, nas ciências humanas e sociais, tem crescido o interesse pelo estudo de narrativas que partem de contextos mais espontâneos, institucionais e de pesquisa (BASTOS, 2015). A narração é o ato de contar histórias; é um processo formativo; transmite valores e conselhos e tem como principal característica a sequencialidade (MARQUESIN e FERRAGUT, 2009).

Textos científicos também se compõem, de forma elaborada, coesa e parametrizada, em narrativas: narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações (WITTIZORECKI et al., 2006). Desta forma, a narrativa, e consequentemente a sua análise, é um instrumento utilizado em pesquisas de cunho qualitativo que tem sido amplamente aplicado como forma de atingir aos objetivos (capturar circunstâncias nas quais o pesquisador almeja investigar) tanto no âmbito científico, investigativo, pedagógico e social.

Os pioneiros a definirem o método de análise de narrativas foram Labov e Waletzky, em 1967. Porém, através da revisão da literatura sobre esse tema, pode-se perceber que grande parte dos pesquisadores da área acaba criticando

esse modelo ou trazendo novas versões e revisões, visto que apesar de pioneiro, hoje se tornou obsoleto. Dada a real importância e empregabilidade do uso de narrativas e sua análise em questões científicas, o objetivo desse trabalho é apresentar um modelo para analisar narrativas, visto a dificuldade e divergências encontradas na literatura de se obter um material que o apresente de forma simples e coesa.

Assim, este trabalho tem a proposta de servir como um guia para pesquisadores de diferentes áreas, que busquem através da pesquisa qualitativa e do método de análise de narrativas, como interpretar as informações das narrativas, necessárias em seus projetos de pesquisa. A fim de ilustrar o método, será apresentado um artigo científico que propõe a utilização do instrumento de análise de narrativas para investigar e promover o autoconhecimento de questões que envolvem o tema da violência. O artigo “Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social” de Bastos e Biar (2015) através do estudo de caso “Violência e deficiência em narrativas do Conselho Tutelar” foi utilizado para analisar as entrevistas geradas por esses conselheiros tutelares a fim de gerar maior compreensão do caminho a se seguir durante uma análise de narrativas, gerando discussões para o avanço do campo de pesquisa.

## **2. NARRATIVA, ENTREVISTA NARRATIVA E ANÁLISE DA NARRATIVA**

Segundo Muylaert et al. (2014), as narrativas podem ser consideradas como representações ou interpretações de uma história, no qual não se deve julgar como um relato verdadeiro ou falso, que não permite sua comprovação, pois são caracterizadas por expressar a verdade sobre um ponto de vista em seu determinado contexto de tempo e espaço.

Bastos e Biar (2015) definem narrativas como “o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situações de entrevistas.”

Já as entrevistas narrativas são técnicas para gerar histórias e, por isso, podem ser analisadas de diferentes formas após a captação e a transcrição dos dados. Muylaert et al. (2014, apud LIRA (2003)). O objetivo das entrevistas narrativas não é apenas reconstruir a história de vida do informante, mas compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos informantes. Muylaert et al. (2014, apud JOVCHELOVICH, (2002).

Para Muylaert et al. (2014), a análise de narrativas visa explorar não apenas o que é relatado, mas também como é relatado. As características para-linguísticas (tom da voz, mudanças na entonação, pausas, expressões, entre outras) são de extrema importância para entender o que não foi dito em palavras e complementar a análise do pesquisador.

A Tabela 1 apresenta uma forma estruturada de se obter uma entrevista narrativa, apresentando suas regras em cada etapa.

**Tabela 1.** Fases da Entrevista Narrativa

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo Formatação de questões
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração Emprego de auxílios visuais
Narração Central	Não interromper Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a Narração Esperar para sinais de finalização
Fases da perguntas	Somente "Que acontece então" Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes Não discutir sobre contradições Não fazer perguntas do tipo "por quê?" Ir de perguntas <i>exmanentes</i> para <i>imanes</i> .
Fala conclusiva	Parar de gravar São permitidas perguntas do tipo "por quê?" Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

**Fonte:** Muylaert et al. (2014, apud JOVCHELOVICH E BAUER (2002)

Para Muylaert et al (2014), as questões de pesquisa ou relacionadas ao interesse do pesquisador são consideradas questões exmanentes, porém quando as questões são temas ou tópicos trazidos pelo narrador ou informante são consideradas imanes.

### 3. PESQUISA QUALITATIVA

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Assim, a pesquisa qualitativa busca compreender os fenômenos que estuda (indivíduos, grupos e organizações, contexto social, etc) através da interpretação dos próprios indivíduos que participam da ocasião, sem se preocupar com representações numéricas.

Dentre vários métodos de se analisar qualitativamente um contexto, este trabalho apresenta a análise de narrativas. Ela é utilizada para analisar dados qualitativos (que vão desde histórias cotidianas até mesmo a uma entrevista estruturada), identificando características marcantes de determinado indivíduo ou grupo, localizando temas comuns e até mesmo a descoberta de novos conceitos que dão identidade aos dados coletados. Segundo Rabelo (2011), "a análise de narrativas caracteriza-se tanto pela atenção cuidadosa à autoridade interpretativa do investigador, quanto pela relevância da voz do informante".

Assim, segundo Guerra (2014), um processo de investigação se faz presente: a interação entre o objeto de estudo e pesquisador, o registro de dados ou informações coletadas e a interpretação/explicação do pesquisador.

### 4. NARRATIVA NA PERSPECTIVA LABOVIANA

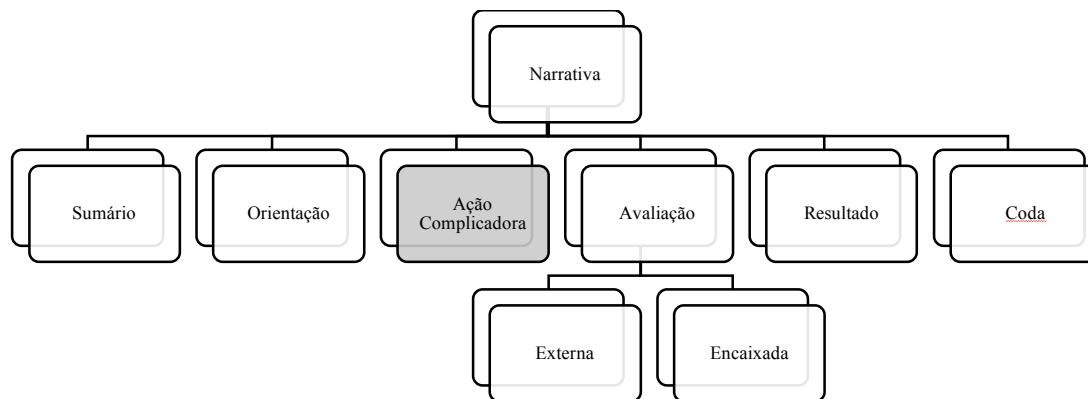
Os pesquisadores que primeiro definiram a narrativa como instrumento de investigação foram Labov e Waletzky, em 1967. Definiram-na como um método de se recapitular experiências passadas que combina, a partir de

propriedades identificáveis (sumário, orientação, ação complicadora, avaliação, resultado e coda), sequências verbais e sequências de eventos.

Os autores estruturaram as narrativas em seis elementos (optativos ou obrigatórios) que em conjunto, convencionou-se chamar de modelo canônico de narrativas. A Figura 1 apresenta os elementos essenciais a todas as narrativas.

Para Labov (1972) apud (Bastos e Biar, 2015), uma narrativa bem formada deve obedecer à estrutura:

**Figura 1.** Elementos da narrativa



**Fonte:** Bastos e Biar (2015)

Normalmente, a narrativa se inicia com um resumo onde se apresenta a reportabilidade do assunto em questão. O resumo não é obrigatório e deve ser seguido pela orientação, que também é optativa. Na orientação, narram-se os personagens, o tempo que aconteceu o fato, os lugares, enfim, todos os elementos necessários para que se tenha uma sequência de eventos.

Apresenta-se então, o único elemento obrigatório da narrativa, a ação complicadora. Ela é uma sequência temporal de orações narrativas, onde o narrador conta o que aconteceu. Labov afirma que, ao menos duas orações no passado em sequência, remetendo a um passado temporal, se está diante de uma narrativa mínima (BASTOS e BIAR, 2015).

Após o único elemento obrigatório, podem ainda aparecer outros três elementos optativos: a avaliação, onde o narrador enfatiza a relevância de algumas das partes da narrativa em comparação a outras; o resultado, que apresenta a finalização da ação complicadora e a coda, que é a síntese de encerramento da história (BASTOS e BIAR, 2015).

Segundo Bastos e Biar (2015), embora o modelo laboviano influencie muitas pesquisas, ele vem sendo alvo de críticas e revisões. A crítica mais comum é em relação a não classificação de alguns tipos de narrativas nesse modelo clássico, porém muito utilizadas hoje em dia.

Ainda segundo Bastos e Biar (2015), Labov descarta todo tipo de informação que não seja obtida através de entrevistas e não as classifica como narrativas, pois não podem ser classificadas dentro de seu modelo canônico. Logo, pressupõe-se que não podem ser analisadas.

Exemplos como conversas informais entre colegas, fofocas, ou conversas entre familiares à mesa de jantar ficam de fora desse modelo clássico, não deixando de ser uma forma importantíssima para a obtenção de dados para a Análise da Narrativa.

Novos estudos na área mostram que relatos de ações habituais, histórias hipotéticas, além de outros tipos de histórias cotidianas têm sido cada vez mais incluídos no escopo dos estudos da área. Georgakoupoulou (2006), Bamberg e Georgakoupoulou (2008), Bastos (2008) apud (BASTOS e BIAR, 2015).

## 5. ESTUDO DO CASO: VIOLÊNCIA E DEFICIÊNCIA EM NARRATIVAS DO CONSELHO TUTELAR

A pesquisa realizada por Bastos e Biar (2015) foi aplicada em profissionais que atuam no Conselho Tutelar do Estado do Rio de Janeiro. Esse estudo teve como objetivo conhecer o entendimento dos conselheiros tutelares sobre deficiência e conhecer as dificuldades que eles enfrentariam para lidar com os casos de violência contra criança e adolescentes apresentando deficiência.

Segundo Bastos e Biar (2015), o método utilizado na pesquisa narrativa revê elementos referentes ao modelo laboviano clássico. A pesquisa foi apresentada em seis etapas:

1. Apresentação de um seminário para a equipe de saúde, no qual se pode discutir as concepções e a natureza da narrativa;
2. 15 entrevistas não estruturadas;
3. Transição da entrevista gravada;
4. Mapeamento dos tópicos recorrentes da entrevista;
5. Identificação dos momentos narrativos;
6. Análise da Narrativa.

Os relatos abaixo representam narrativas de três conselheiros tutelares que apresentam suas percepções sobre a deficiência de crianças e adolescentes.

**Figura 2.** Narrativa da Conselheira Tutelar Tina

### Excerto 4: “é assim o que eu percebo”

01	Anita	diz pra gente é: é: Tina o que é pra você uma criança um
02		adolescente com deficiência
03	Tina	pra mim o que que é assim o que eu percebo
04	Anita	aham:
05	Tina	ah: eu eu assim sinceramente eu não sei te dizer ... assim... é::
06		agora pouco antes de vocês chegarem eu tava atendendo um
07		adolescente, uma criança de nove anos né em que a mãe tava
08		passando pra mim a dificuldade dele de fAla de:: de aprendizAdo
09		de leitura ... falei então essa criança é uma criança que tem algum
10		tipo de deficiência, né porque se essa criança não consegue atender
11		tá com nove anos tem uma dificuldade de falar tremenda e ele
12		QUERIA falar comigo ai eu perguntava a mãe dele respondia eu
13		falei não deixa ELE falar comigo mas ele assim a ÂNSIA que ele
14		tinha de falar mas a dificuldade dele de falar né ai teve uma hora
15		que ele abaixou a cabeça ... então pra mim essa criança É: uma
16		criança que precisa de uma atenção especial de cuidado especial
17		porque ela tem uma deficiência né então eu vejo mais ou menos
18		por aí

**Fonte:** Bastos e Biar (2015)

A Figura 2 mostra a primeira narrativa que representa a fala da conselheira tutelar Tina, no qual expõe seu ponto de vista sobre deficiência em um movimento argumentativo. Essa narrativa não segue o modelo canônico laboviano, porém apresenta segmentos de uma narrativa, no qual é evidenciado por meio da ordenação temporal dos fatos apresentados por Tina através das seguintes ações:

- 1º) “e ele queria falar comigo”;
- 2º) “ai eu perguntava”;
- 3º) “a mãe dele respondia”;
- 4º) “eu falei deixa ELE falar comigo”.

Tina através de sua narrativa fala sobre uma criança de nove anos que apresenta dificuldades na fala e precisa de uma atenção e cuidado especial devido sua deficiência. A Conselheira finaliza seu entendimento sobre deficiência por meio da coda avaliativa, no qual é evidenciada quando a mesma relata a necessidade de uma atenção e cuidados especiais devido à deficiência de uma criança (Excerto 4: Linhas 16 -17).

A Figura 3 descreve a segunda narrativa representada pela fala do conselheiro Carlos, que também não segue o modelo canônico laboviano, porém apresenta segmentos narrativos em seu relato e uma ordenação temporal dos fatos relatado por ele. O conselheiro declara em sua narrativa a falta de conhecimento sobre deficiência e a falta de segurança para lidar com criança e adolescente deficientes (Excerto 5: Linhas 16-17). Carlos também expõe o que entende por deficiência quando narra sua experiência familiar com a deficiência mental, como mostra a Figura 3.

**Figura 3.** Narrativa do Conselheiro Tutelar Carlos

Excerto 5: “somos deficientes em atender deficientes”		
06	Olivia	você me desculpa eu falei deficiência mental é que é uma coisa que eu mais:: mas deficiência de [um modo geral]
07		[um modo geral]
08	Anita	[um modo geral]
09	Carlos	a mental é hoje eu tenho a certeza absoluta e digo sempre o seguinte quem chega aqui com comprometimento seja ele de natureza ... psíquica vamos dizer assim ... ou melhor deixa eu arrumar essa ... as pessoas que chegam aqui com qualquer comprometimento pelo uso de qualquer substância entorpecente eu acho que tem que começar pela saúde mental é a porta de entrada pra você poder hoje conhecer alguém é a saúde mental ... agora quanto a deficiência todos nós somos deficientes deficientes em atender deficientes em informações nós não sabemos nem a forma correta de você:: é:: se dirigir a alguém com deficiência eu não sei se ... por exemplo uma pessoa com comprometimento mental eu não sei se chamo de doído de maluco você fica assim com medo de não tá sendo politicamente correto
[...]		
29	Olivia	como é que você vê quem você considera fora deficiência comprometimento mental como é que você consideraria uma pessoa com deficiência
34	Carlos	olha deficiência aquelas assim mais ... são as deficiências físicas ... agora o que mais me chama atenção e ai ( ) é a deficiência mental pelo seguinte hoje a gente sabe que qualquer substância ela vai causar uma alteração não sei se é a palavra certa psíquica ou mental ou seja enfim ela vai ter um comprometimento e a gente acompanha isso <u>diariamente</u> então você não tem condições técnicas ou legais de dizer que esse cara é doído mas a gente tenta por exemplo sensibilizar as outras autoridades que possam de forma é de forma:: ... mais ... é:: me fugiu a palavra ... é:: deixa eu dar um exemplo que é o seguinte um garoto que faz uso de crack como de bebida alcoólica a gente sabe que isso vai causar uma alteração mental então assim quem É:: eu me garante que ele não vai ter um surto psicótico que ele não vai desenvolver uma qualquer atividade normal tô te falando isso porque em casa eu tenho um primo que ele tem esquizofrenia e essa esquizofrenia desenvolveu a partir da morte do pai dele... então ai a gente conheceu um pouco esse mundo o mundo da loucura

**Fonte:** Bastos e Biar (2015)

A Figura 4 mostra a terceira narrativa que representa a fala da conselheira tutelar Clara sobre sua visão do que é deficiência. A conselheira constrói uma narrativa apresentando longos trechos de orientação relatando à situação da família, a doença da criança, a falta de preparo das escolas em lidar com deficientes físicos. A ordenação temporal das ações inclui ações referentes ao passado, presente e futuro. A conselheira finaliza seu entendimento em relação ao tema sobre deficiência por meio da coda avaliativa, quando retrata que a escola irá aceitar a criança, que ela irá crescer e precisar de uma nova escola e que “a gente” vai brigar por outra escola.

**Figura 4.** Narrativa da Conselheira Tutelar Clara

06	Clara	=é:: é:: uma criança que tem: ... é: ossos de vidro ... e a família veio
07		procurar porque a família tava pagando colégio particular assim
08		PAGANDO não, ganhou uma bolsa então o custo era menor mas era
09		muito longe de casa e eles não conseguiam não tinham dinheiro pra
10		pagar:: uma escola particular mais próxima e não conseguia bolsa
11		também e as escolas públicas próximas também não estavam
12		preparadas ... não conseguiam atender ... e ele por ter os ossos de
13		vidro é: tá sempre tendo problema de necessidade de atendimento
14		médico de às vezes imediato emergencial e:: é cadeirante ... então as
15		escolas não tão preparadas pra receber cadeirante ... né a própria
16		estrutura física não só os profissionais não estão preparados para
17		lidar com portadores e a estrutura física também não tá pra
18		cadeirante e:: a gente tá há dois anos ligando já foi feito pro
19		ministério público mas assim as escolas não têm estrutura pra poder
20		estar recebendo, aí a gente tá agora com a promessa que teve uma
21		escola que foi: tá em reforma então tem a promessa de que já nessa
22		reforma adaptar:: preparar:: rampa e coisa pra poder:: aí assim que
23		acabar essa essa: obra estar incluindo ele nessa escola ... mas aí o
24		tempo vai passando daqui a pouco ele não tem idade pra estudar
25		estar na sala na série dessa escola e aí a gente vai começar a brigar
26		por causa de uma escola no estado que seja próxima e que tenha
27		acessibilidade né

**Fonte:** Bastos e Biar (2015)

Clara difere dos outros conselheiros quando, além de narrar o que entende por deficiência, expressa esse tema como uma luta profissional.

A Figura 5 mostra o que Bastos e Biar (2015) puderam extrair da entrevista dos conselheiros.

**Figura 5.** Análise da Narrativa dos Conselheiros Tutelares

A. Perspectiva dos conselheiros entrevistados sobre o trabalho que realizam	"agente ainda ta lutando" (Excerto 7, Linha 01 - 02, Conselheira Clara)
	"agente vai começar a brigar por causa de uma escola no estado que seja próxima e que tenha acessibilidade" (Excerto 7, Linha 25 - 27, Conselheira Clara)
B. A construção do profissional com sensibilidade e determinação	"todos nós somos deficientes em atender deficientes" (Excerto 5, Linha 16 - 17, Conselheira Carlos)
	"nós não sabemos nem a forma correta de você se dirigir a alguém com deficiência" (Excerto 5, Linha 17 - 18, Conselheira Carlos)
	"você fica assim com medo de não tá sendo politicamente correto" (Excerto 5, Linha 20 - 21, Conselheira Carlos)
C. O entendimento que os conselheiros possuem sobre a deficiência	"e agente tá há dois anos ligando, já foi feito pelo ministério público, mas assim as escolas não têm estrutura para poder estar recebendo" (Excerto 7, Linha 18-20, Conselheira Clara)
	"deficiência mental" (Excerto 5, Linha 35, Conselheira Carlos)
	"deficiência física" (Excerto 7, Linha 01, Conselheira Clara) (Excerto 5, Linha 34, Conselheira Carlos)
D. A percepção de casos de deficiência pelos entrevistados	"criança que precisa de uma atenção especial, de cuidado especial, porque ela tem uma deficiência" (Excerto 4, Linha 16 - 17, Conselheira Tina)
	"criança de nove anos com dificuldade de falar tremenda" (Excerto 4, Linha 14, Conselheira Tina)
	"ele tem esquizofrenia" (Excerto 5, Linha 48, Conselheiro Carlos)
E. A luta dos conselheiros por melhores condições de vida para as crianças portadora de deficiência	"é uma criança que tem ossos de vidro" "é cadeirante" (Excerto 7, Linha 06 - 14, Conselheira Clara)
	"agente ainda ta lutando" (Excerto 7, Linha 01 - 02, Conselheira Clara)

**Fonte:** Adaptado Bastos e Biar (2015)

Bastos e Biar utilizaram a Figura 6 como um meio para melhor transcrever a entrevista narrativa dos três conselheiros e deste modo, conseguir capturar as informações necessárias, percepções e sentimentos que poderiam existir por trás da escrita.

## 5. CONCLUSÕES

Este artigo proporciona ao pesquisador um roteiro que permite um melhor entendimento do método Análise da Narrativa, de modo a compreender e interpretar os dados gerados por meio de narrativas oriundas de entrevistas, relatos, conversas informais, etc.

Ao se transcrever as narrativas, percebeu-se que o uso de uma tabela de convenção de transcrição torna-se essencial para que os leitores entendam e tornem-se mais próximos da entrevista original, onde o pesquisador consegue perceber entonações de voz, fala mais rápida ou mais lenta, interpretando e analisando melhor os dados.

O estudo nos mostra que embora Labov e Waletzky tenham sido os primeiros a estudar a forma estrutural das narrativas, o modelo canônico proposto pelos autores tem sido criticado ao longo da história pelo fato de considerar



somente os dados obtidos por meio de entrevistas. Nos estudos contemporâneos, esse ainda é o modelo que mais influencia pesquisas para identificação formal de narrativas, porém, novos pesquisadores fazem adaptações a esse modelo, mostrando a importância dos relatos, conversas informais e pequenas histórias.

O estudo realizado por meio das entrevistas com os conselheiros mostra que através da Análise das Narrativas consegue-se capturar sentimentos, questionamentos e opiniões sobre o tema em análise. Percebe-se também que as narrativas não obedecem ao modelo proposto por Labov, porém consegue-se encontrar alguns dos elementos essenciais nas narrativas, como a ordenação temporal dos fatos. Através da Análise da Narrativa das falas dos três conselheiros tutelares, esse artigo exemplifica como realizar a interpretação dos dados obtidos e apresenta as percepções que os conselheiros tutelares têm sobre sua própria identidade, reflexões sobre suas atividades, dificuldades encontradas no exercício das mesmas e como cada um deles define violência e deficiência.

Pode-se concluir que a Análise da Narrativa é um método que permite a interpretação dos fatos narrados e dos fatores que os informantes julgam importantes sobre o tema em que são questionados. O estudo qualitativo por meio de narrativas permite ir além da transmissão de informações, pois consegue capturar as tensões do entrevistado, fazendo com que a experiência do indivíduo seja revelada.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, Lílíana Cabral; DE ANDRADE BIAR, Liana. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. ISSN 1678-460X, v. 31, n. 4, 2015.
- BOLDARINE, Rosaria de Fátima. Representações, narrativas e práticas de leitura: um estudo com professores de uma escola pública. 2010.
- DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v. 2, n. 4, p. 01-13, 2008.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.
- GOMES, Ana Rita Costa. A Narrativa enquanto Instrumento de Investigação e de Autoconhecimento. Porto, Outubro de 2003.
- MARQUESIN, Denise Filomena Bagne e FERRAGUT, Laurizete Ferragut. Narrativa como objeto de estudo: Aportes Teóricos. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n.2, p. 219-237, jul./dez. 2009.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.
- RABELO, Amanda Oliveira. A importância da investigação narrativa na educação. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan.-mar. 2011.